

## Aprender a escrever

A escolha dos textos de nossa segunda leitura resulta do impacto que eles produzem pelo inusitado de sua atualidade.

Começaria por destacar o texto de Nietzsche "Aprender a escrever bem", pelo fato de nos alertar para os desafios da modernidade: a passagem de uma cultura tipicamente oral para a cultura predominantemente escrita e a urgência de se entender esta realidade cultural ameaçadoramente em dissolução, inclusive em nossas escolas.

Um adequado domínio da capacidade de ler e escrever é instrumento de liberdade. Como assim? Pois ler e escrever bem permite-nos não apenas conhecer o *conto* dos que que nos *contam*, como também o escrito tem o poder de romper as barreiras do tempo e do espaço. Como poderíamos tomar contato com as saudades de Benjamin (O jogo de letras) se não vivemos na Alemanha nem freqüentamos a mesma escola do início do século?. Ao ler o texto de Benjamin, temos uma sensação estranha: ele parece um nosso amigo e colega de bancos escolares com quem estamos conversando sobre experiências convividas...

• • •

Em outro texto, chama-nos a atenção a habilidade de Nietzsche em materializar a sua advertência. É surpreendente a sua capacidade de escrever bem. Ao contrário de muitos autores de Filosofia e de Ciência que cifram sua comunicação de tal modo que chegam a dificultar o entendimento ou a amedrontar o leitor, Nietzsche fala de métodos e de exigências lógicas como se estivesse elaborando um romance. Sobre a profundidade filosófica ressalte-se a elegância e leveza do estilo.

Neidson Rodrigues

NIETZSCHE \*

§ 87

*Aprender a escrever bem.* – O tempo do bem falar passou, porque o tempo das civilizações citadinas passou. O último limite que Aristóteles permitia à grande cidade – era preciso que o arauto ainda estivesse em condições de se fazer ouvir por toda a comunidade reunida – esse limite nos aflige tão pouco quanto em geral nos afligem ainda comunidades citadinas, a nós, que queremos, nós mesmos, ser entendidos para além dos povos. Por isso, agora, todo aquele que tem a mentalidade do bom europeu tem de aprender a escrever *bem e cada vez melhor*: não há escapatória, nem mesmo se ele próprio nasceu na Alemanha, onde se trata o escrever mal como uma prerrogativa nacional. Escrever melhor, porém, significa também, ao mesmo tempo, pensar melhor; descobrir sempre algo mais digno de ser comunicado e poder efetivamente comunicá-lo; tornar-se traduzível para as línguas dos vizinhos; fazer-se acessível ao entendimento daqueles estrangeiros que aprenderam nossa língua; agir para que tudo o que é bom se torne um bem comum e que os homens livres tenham toda a liberdade; enfim, *preparar* aquele estado de coisa tão distante, em que os bons europeus tomarão em mãos sua grande tarefa: a orientação e supervisão de toda a civilização terrestre – Quem prega o contrário, não se afligir com o bem escrever e o bem ler – essas duas virtudes crescem juntas e diminuem juntas –, na realidade nostra aos povos um caminho para que possam tornar-se cada vez mais *nacionais*: aumenta a doença deste século e é um inimigo dos bons europeus, um inimigo dos espíritos livres.

\* NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm, 1844-1900. *Obras incompletas*/Friedrich Nietzsche; seleção de textos de Gérard Lebrun; tradução e notas de Rubens Rodrigues Torres Filho; posfácio de Antônio Cândido. – 3 ed. – São Paulo: Abril Cultural, p. 118. § 635. – p. 146. § 87. 1983.

No conjunto, os métodos científicos são, pelo menos, um resultado tão importante da investigação quanto qualquer outro resultado: pois sobre a compreensão do método repousa o espírito científico, e todos os resultados da ciência não poderiam, se aqueles métodos se perdessem, impedir um renovado recrudescimento da superstição e do não-senso. Pessoas de espírito podem *aprender* quanto quiserem dos resultados da ciência: nota-se sempre em sua conversação, e especialmente na hipóteses que ela contém, que lhes falta o espírito científico: não têm aquela instintiva desconfiança contra os desvios do pensamento que, em decorrência de longo exercício, lançou suas raízes na alma de todo homem científico. A eles basta, sobre um assunto, encontrar em geral alguma hipótese, e depois são fogo e flama por ela e pensam que com isso está tudo feito. Ter uma opinião já significa, para eles, fanatizar-se por ela e daí em diante guardá-la no coração como convicção. Eles se acaloram, diante de uma coisa inexplicada, pela primeira idéia que lhes passe pela cabeça e pareça semelhante a uma explicação: do que constantemente resultam, em especial no domínio da política, as piores conseqüências – Por isso, agora, cada qual deveria ter aprendido a conhecer pelo menos *uma* ciência desde o fundamento: pois saberia então o que quer dizer método e como é necessária a extrema atenção. É especialmente às mulheres que este conselho deve ser dado; pois são elas agora, irremediavelmente, as vítimas de toda as hipóteses, sobretudo quando estas dão a impressão de serem chelas de espírito, fascinantes, vivificantes, fortalecedoras. E até mesmo, observando com mais precisão, nota-se que a maior parte daqueles que têm cultura deseja, ainda agora, de um pensador, convicções e nada além de convicções, e que somente uma pequena minoria quer *certeza*. Aqueles querem ser arrebatados fortemente, para com isso obterem para eles próprios um aumento de força; estes poucos têm aquele interesse pela coisa mesma, que não visa a vantagens pessoais, nem mesmo ao mencionado aumento de força. É com aquela classe, amplamente preponderante, que se conta por toda parte onde o pensador se comporta e se designa como *gênio* e, portanto, assume a expressão de um ser superior, ao qual compete autoridade. Na medida em que o gênio dessa espécie entretém o ardor das convicções e desperta desconfiança contra o sentido cauteloso e modesto da ciência, ele é um inimigo da verdade, por mais que acredite ser seu pretendente.

## O JOGO DAS LETRAS

WALTER BENJAMIM \*

Nunca podemos recuperar totalmente o que foi esquecido. E talvez seja bom assim. O choque do resgate do passado seria tão destrutivo que, no exato momento, forçosamente deixaríamos de compreender nossa saudade. Mas é por isso que a compreendemos, e tanto melhor, quanto mais profundamente jaz em nós o esquecido. Tal como a palavra que ainda há pouco se achava em nossos lábios libertaria a língua para arroubos demostênios, assim o esquecido nos parece pesado por causa de toda a vida que nos reserva. Talvez o que o faça tão carregado e prenhe não seja outra coisa que o vestígio de hábitos perdidos, nos quais já não nos poderíamos encontrar. Talvez seja a mistura com a poeira de nossas moradas demolidas o segredo que o faz sobreviver. Seja como for – para cada pessoa há coisas que lhe despertam hábitos mais duradouros que todos os demais. Nelas são formadas as aptidões que se tornam decisivas em sua existência. E, porque, no que me diz respeito, elas foram a leitura e a escrita de todas as coisas com que me envolvi em meus primeiros anos de vida, nada desperta em mim mais saudades que o jogo das letras. Continha em pequenas plaquinhas as letras do alfabeto gótico, no qual pareciam mais joviais e femininas que os caracteres gráficos. Acomodavam-se elegantes no atril inclinado, cada qual perfeita, e ficavam ligadas umas às outras segundo a regra de sua ordem, ou seja, a palavra da qual faziam parte como irmãs. Admirava-me como tanta modéstia podia coexistir com tanta magnificência. Era um estado de graça. E minha mão direita que, obediamente, se esforçava por obtê-lo, não conseguia. Tinha que permanecer do lado de fora tal como o porteiro que deve deixar passar os eleitos. Portanto, sua relação com as letras era cheia de renúncia. A saudade que em mim desperta o jogo das letras prova como foi parte integrante de minha infância. O que busco nele na verdade, é ela mesma: a infância por inteiro, tal qual a sabia manipular a mão que empurrava as letras no filete, onde se ordenavam como uma palavra. A mão pode ainda sonhar com essa manipulação, mas nunca mais poderá despertar para realizá-la de fato. Assim, posso sonhar como no passado aprendi a andar. Mas isso de nada adianta. Hoje sei andar; porém, nunca mais poderei tornar a aprendê-lo.

\* BENJAMIN, Walter. Rua de Mão Única. obras Escolhidas. (trad. Rubens Rodrigues T. Filho e José Carlos Martins Barbosa). vol. 2. Editora Brasiliense, p. 104-105, 1987.